



## **DIPLOMÂCIA BRASILEIRA EM SOLO ANGOLANO E SUAS IMPRESSÕES SOBRE O APOIO DA URSS AO MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA - MPLA**

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3830

José Francisco dos Santos, UFOB  
Carlos Eduardo Rodrigues, UEM

### **Resumo**

A comunicação traz as impressões da diplomacia brasileira em solo angolano, a respeito dos conflitos internos no contexto do processo de libertação do país, por meio da análise de documentos inéditos do Itamaraty. Demonstramos que o principal interesse da presença brasileira em Angola se mostrava na intenção de se estabelecer negócios e empreendimentos brasileiros. Refletimos que mesmo em meio da guerra fria, na qual Angola se situava no bloco que recebia apoio dos “socialistas”, o Brasil reconheceu a nova nação em função de determinantes muito mais econômicos que ideológicos. Sendo o primeiro país ocidental a fazê-lo, nessa conjuntura a presença e financiamento da então URSS e Cuba ao Movimento Popular de Libertação de Angola-MPLA levou o país recém-independente a uma conduta de esquerda, o que não impediu que o Brasil da ditadura Civil-Militar estreitasse relacionamentos, políticos, econômicos e culturais, empresas como a Odebrecht, Camargo Correa entre outras se estabeleceram em Angola, no início da década de 1980 e hoje a Odebrecht e maior empregadora privada em terras angolanas, cumpre observar que a Petrobras, empresa estatal brasileira também se fixou em Angola na exploração de petróleo e é uma das principais parceiras da Sonangol, empresa do Estado angolano de exploração de petróleo. São essas contradições que foram refletidas nessa comunicação.

### **Palavras Chave:**

África; Angola; Guerra-Fria; Diplomacia brasileira; URSS.

## **Introdução/Justificativa**

A presente comunicação decorre de discussões desenvolvidas na tese de doutorado “Angola: ação diplomática brasileira no processo de independência dos países africanos em conflito com Portugal no cenário da Guerra Fria” (2015) que historiciza o processo de relacionamento entre Brasil e Angola no período contemporâneo, pautando-se especialmente em análises de relatórios inéditos do Itamaraty dos anos de 1974 – 1975, provenientes da, então recente, Representação brasileira em Angola. Os documentos analisados são telegramas enviados pela Representação Brasileira em Angola, que tinha o embaixador Ovídeo Andrade de Melo a frente, registrando as relações estabelecidas entre Brasil e Angola neste período e as percepções mediante aos conflitos internos em Angola.

Os documentos também demonstram as expectativas brasileiras em relação a possibilidades de ocupar o lugar de Portugal no que se refere à constituição do Estado angolano e as relações necessárias com o capitalismo internacional.

Neste sentido, faz-se essencial considerarmos a importância do resgate histórico e considerarmos que para Eric Hobsbawm (1995) o século XX foi adjetivado como “breve”, pois teria iniciado com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e terminado com o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS (1991). O autor afirma que nesse período curto da História o mundo se transformou de maneira abrupta, suscitando mudanças estruturais mais rápidas, inclusive, do que aquelas ocorridas no período da Revolução Industrial.

Lembremos que a “Primavera dos Povos” em 1848 foi um lampejo de esperança da derrubada da burguesia liberal, constituindo-se no germe de um projeto que se concretizou com o advento

da URSS, levando a consolidação de Estados Socialistas, principalmente após da Segunda Guerra Mundial, que se estendeu por grande parte do leste Europeu entre 1945 a 1989.

Conjuntura na qual torna-se imprescindível o fortalecimento da ideologia dominante burguesa, construindo argumentos contrários ao estabelecimento do socialismo internacional. Os EUA – Estados Unidos da América engendram a Doutrina da Segurança Nacional como estratégia de luta contra os “males” do comunismo, em defesa da “liberdade” burguesa e da continuidade do capital. A luta anticomunista uniu potências capitalistas que compuseram no pós Segunda Guerra Mundial a denominada Guerra Fria, o que colocaria o mundo dividido bipolarmente entre o Capitalismo liderado pelos Estados Unidos da América e o Socialismo construído pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

O continente africano também se situa neste contexto, no entanto, a influência da Revolução Russa neste continente vai acontecer, especialmente, no contexto de luta pelo fim do Colonialismo europeu. Lembremos que a África foi marcada em um primeiro momento pelos processos colonizadores protagonizados pelos portugueses no século XV. Em segundo momento, o que conhecemos nas palavras de Hobsbawm como a “Era dos Impérios”, o continente foi invadido por diferentes países europeus, fenômeno que tornou-se conhecido como Neocolonialismo.

O historiador congolês, Elikia M'Bokolo, em seu livro *África Negra* tomo II (2007), discorre sobre a questão do imperialismo europeu no continente africano,

A primeira dimensão identificada, aquela que mais tinta fez correr, é a dimensão económica. Como sublinhou vigorosamente Jean Bouvier, «o imperialismo não surgiu aos contemporâneos apenas como

uma política externa, como uma diplomacia, mas como a política externa que correspondia à era do capitalismo dos monopólios e dos oligopólios (M'BOKOLO, 2007, p. 303)

Como M'Bokolo expõe, o imperialismo não era apenas uma política externa, mas tinha em seu cerne a extensão do Capitalismo Monopolista, que viu o continente africano como território de expansão e invasão alternado toda estrutura, cultural, política e econômica da África. Ou seja, os países africanos que estavam sob o domínio do imperialismo com o agravante de ainda estarem submetidos ao colonialismo, necessitavam de elementos que colaborassem para a construção do protagonismo mediante a luta por libertação. Neste sentido, M'Bokolo mostra que a ideologia marxista vinha ao encontro destes anseios pois seus expoentes empreendiam críticas ao imperialismo,

O imperialismo foi concebido como uma certa era do capitalismo, um “certo modo de vida” e de comportamento deste último, chegado a um certo nível de desenvolvimento” Desde muito cedo, os economistas e os ideólogos de esquerda e de extrema-esquerda, mais ou menos influenciados pelas teorias de Karl Marx, apoderaram-se deste tema, fazendo deste aspecto um ponto de confronto privilegiado entre marxistas e não marxistas ou anti-marxistas. (M'BOKOLO, 2007, p. 303)

Desta forma, a ideologia revolucionária materializada na Revolução Russa passa a influenciar os líderes<sup>1</sup> do processo de independência, despertando o apoio da URSS por meio da formação

política, como também no que se referia à necessidade estrutural. Em Angola não foi diferente e, após a Revolução dos Cravos que aconteceu em 24 de abril de 1974 em Portugal, abre-se mais possibilidades para a concretização da libertação de Angola. Nesta conjuntura se levanta um governo provisório em Angola, que teria como objetivo concretizar a libertação e constituir a nova nação. Foi justamente em meio deste processo que o Brasil estabelece uma representação diplomática em Luanda. Portanto problematizaremos nas próximas seções as intenções da ditadura civil-militar brasileira ao apoiar o estabelecimento do Estado angolano, reconhecendo sua independência, abrindo mão da coesão ideológica em nome dos interesses econômicos.

### **Bipolarização do mundo: Angola, URSS e Brasil**

É essencial pontuarmos que a política de aproximação do Brasil e Continente Africano concretiza-se no governo Jânio Quadros na década de 1960 e foi rompida com o golpe Civil-Militar de 1964, que teve como princípio a Doutrina da Segurança Nacional, cunhada pela hegemonia norte-americana no contexto da, já mencionada, bipolaridade da Guerra Fria. Neste contexto é essencial lembrarmos a importância da teoria conhecida como *golberiana*, construída por Golbery do Couto e Silva<sup>2</sup>, que adequa a Doutrina de Segurança Nacional dos EUA para a realidade brasileira. Segundo Fernandes (2009, p. 8532), “a geopolítica foi um elemento central no pensamento deste militar, e foi através da sua adequação ao contexto da Guerra Fria que ela foi utilizada para a formulação da variante teórica brasileira da DSN”.

<sup>1</sup> Muitos deles já haviam estudado na Europa e se vinculado organicamente a Partidos Comunistas, como foi o caso de Agostinho Neto, que era vinculado ao PCP – Partido Comunista Português.

<sup>2</sup> “Golbery do Couto e Silva, no Brasil, e Augusto Pinochet, no Chile, estão entre os maiores geopolíticos do Cone Sul no período da Guerra Fria. Ambos ocuparam cargos centrais nas futuras ditaduras sustentadas ideologicamente pela doutrina ensinada por eles. (FERNANDES, 2009, p. 852).

Havendo, portanto, a condução da política internacional intimamente relacionada com o chamado Ocidente, que se traduzia na hegemonia dos EUA e seus alinhados.

No governo do Presidente Médici inicia-se um processo de reaproximação, marcada, especialmente no ano de 1968 a partir do início das atividades da Câmara do Comércio Afro-Brasileira, representada pelo então Deputado Federal, Adalberto Camargo. Segundo o pesquisador Ivo Santana (2004, p. 83), o órgão tinha como objetivo estreitar as relações entre o Brasil e o Continente Africano, fomentando o desenvolvimento de negócios, atividades culturais e científicas, participando assim das principais negociações com Angola.

Segundo a pesquisadora Letícia Pinheiro (2007, p. 97) o intuito de sua presença em Angola era prestar informações sobre o processo de independência de maneira imparcial. No entanto, o trabalho do embaixador Ovídio de Melo foi de grandes percalços, pois em seus telegramas, o mesmo relatava e analisava todo o contexto político angolano e, especialmente, as divergências importantes entre os três movimentos de independência.

### **Conflitos angolanos e as percepções da Representação brasileira**

É essencial apontarmos que Angola teve em seu processo de luta pela independência de Portugal o envolvimento de três movimentos principais: Movimento de Libertação de Angola (MPLA), criado em 1956 que, aos poucos, ligou-se a então União Soviética e Cuba, consolidando como líder o médico e poeta Agostinho Neto; a Frente de Libertação de Angola (FNLA), criada em 1961 e ligada aos interesses do Zaire e dos Estados Unidos, sob a liderança de Holden Roberto e, por fim, a União de Libertação Total de Angola (UNITA), de 1966, ligada aos interesses da África do

Sul, China, portugueses, inconformados com o processo de independência e também dos Estados Unidos (SANTOS, 2010, p. 36). Evidente que havia outros movimentos, a exemplo da FLEC – Frente de Libertação do Enclave de Cambida, mas para as análises aqui propostas concentramo-nos nos três movimentos mais importantes, ou seja, MPLA, UNITA e FNLA.

O conflito entre os movimentos de pró-independência em Angola foi um objeto constante de reflexão no decorrer da pesquisa. Podemos observar no relato abaixo, que Ovídeo Melo traz informações acerca das tensões entre os movimentos no país, demonstrando que a tensão se intensificava rapidamente,

[...] No decorrer de apenas um mês, a situação política e militar muito se agravou. A passagem de Chipenda para as hostes de Holden Roberto simplificou o panorama político, mas colocou o FNLA em direta confrontação com o MPLA. De outra parte, Vossa Excelência se lembrará que, na entrevista que tive com Holden Roberto, impressionou-me o receio do FNLA, que estaria então, desde agora, buscando uma solução militar.

7. O momento seria propício para o FNLA tomar tal iniciativa, porque Agostinho Neto se encontra ausente, fazendo campanha eleitoral no sul e porque o Alto Comissário português será suscetível de influenciar-se com a campanha que o FNLA vem fazendo no sentido de desarmar “civis”. Considerando-se que todos os partidos angolanos em todo e qualquer tempo deram armas aos seus adeptos, e que este país sai de longos anos de guerrilha, propósito de confiscar armas só poderá levar a repetidos incidentes armados. (Telegrama nº 2 em 25/03/1975)

O exemplo que está contido no

telegrama é possível observar a cisão do MPLA com a transição de Chipenda para o FNLA, agravando, desta forma, os conflitos entre os dois grupos. Os desentendimentos dentro do MPLA eram constantes, assim como em qualquer agremiação grande. Registramos também, que é deste movimento que se tem mais informações disponíveis, as quais possibilitam que se trace um panorama geral de sua história e, com isso, facilite o entendimento da própria história angolana.

O MPLA se envolveu internacionalmente com países envolvidos em lutas internas e externas, recebendo apoio político e material. No que se refere ao Brasil, podemos afirmar que os movimentos pro-libertação de Angola flertavam com a Representação Especial Brasileira a qual era visitada por vários grupos e representantes dos movimentos e os assuntos envolvidos eram diversos.

Notamos que as preocupações em relação à cooperação brasileira circundam em torno dos problemas que são evidentes na sociedade angolana, educação, saúde, infraestrutura e apoio militar ao seu movimento. Sobre a entrevista com o Primeiro Ministro do FNLA, Ovídeo discorre,

Tive hoje entrevista com o Primeiro Ministro Johnny Eduardo, da FNLA. [...] o interesse que ele demonstrou pela colaboração brasileira, razão pela qual Brasil, também com assentimento dos outros movimentos, se apressou a abrir, desde logo, uma Representação Especial em Angola. Salientei que, a abertura desta Missão Permanente pretende ser como que a antecipação do reconhecimento da soberania de facto que o Governo de transição exerce sobre a nação angolana.[...].

2. O Dr. Johnny Eduardo referiu-se com muita simpatia ao fato de que o Brasil se antecipou a todos os demais países no credenciamento de uma missão diplomática perante

o Governo de transição. Disse-me, textualmente, “que uma situação privilegiada!” No tocante à cooperação que o FNLA espera do Brasil, o Dr. Eduardo salientou o desenvolvimento brasileiro, a experiência que o Brasil já tem na abertura de estrada, em aproveitamentos hidrelétricos, na organização de sua economia e de sua rede bancária, nos grandes programas de saúde e educação postos em prática. Pediu-me que, além do Ministro da saúde, visitasse, em breve, o Ministro da Agricultura, do qual até me deu o endereço particular. Salientou que a ajuda do Brasil é imprescindível a Angola, “pois não é possível contar só com a ajuda portuguesa. (Telegrama N°10. 31/03/1975)

Dr. Johnny Eduardo ressalta o pioneirismo do Brasil em fixar uma Representação Especial e como isso poderia contribuir para relações futuras. Melo aponta no mesmo telegrama considerações que o representante da FNLA fez sobre o conflito com o MPLA,

3. Tendo eu abordado levemente os acontecimentos políticos e militares da última semana, para manifestar meus desejos de que possa perdurar o entendimento dos partidos de transição e o Governo, o Dr. Johnny Eduardo me disse que as perspectivas de pacificação são boas e que não é esperável a repetição dos choques armados havidos, porque “o MPLA terá aprendido a lição”. [...] Tal ataque, segundo o Primeiro-Ministro, foi absolutamente insensato, pois o MPLA bem sabe que a FNLA possui uma máquina de guerra poderosa, com mais de cinco mil homens treinados e armados em Luanda e cerca de dezoito mil nos “maquis”, que só não são trazidos a Luanda de imediato por falta de aquartelamento. Disse ainda que o MPLA, embora esteja armando a população, jogando mulheres e crianças armadas na peleja, só conta, nesta Capital, com mil homens em

armas.

4. Perguntei-lhe sobre a troca de prisioneiros, que foi noticiada e [...] me disse que os prisioneiros vão sendo trocados. Acrescentou, porém, um tanto veemente, para minha surpresa, que são falsos os rumores no sentido de que a FNLA haja fuzilado prisioneiros. Um tanto teatralmente, disse-me, “como poderíamos fuzilar o povo?”, e acrescentou: “basta ver que o jornal “Liberdade e Terra” publicou fotografias de prisioneiros..., como então publicaríamos essas fotografias os fossemos fuzilar?”

5. Manifestei finalmente a [...] minha satisfação pelo fato de que seu partido, ao se apresentar para campanha, havia contratado os serviços de uma empresa de publicidade brasileira. O Primeiro Ministro riu muito cordialmente e já levantando-nos a porta, disse estar contente com aqueles serviços. (Telegrama N°10. 31/03/1975)

Os acontecimentos relatados pelo representante brasileiro evidenciam um cenário de grandes conflitos entre a FNLA e o MPLA, o representante Johnny Eduardo procura se justificar sobre um suposto fuzilamento de membros da MPLA que estavam presos, dizendo que o fato não havia ocorrido. Além de exaltar o ataque do MPLA foi irresponsável, haja vista que o seu movimento possuía maior aparato de armamento e maior efetivo que o MPLA. Contudo, o que mais chama a atenção no excerto do telegrama citado é o fato Ovídio de Melo, independente das questões humanitárias que cercavam o diálogo, falar abertamente acerca de sua satisfação em relação aquele movimento ter utilizado de serviços de uma empresa brasileira para sua publicidade.

De qualquer forma, observamos que ao longo dos telegramas enviados para Secretaria do Estado fica notório que o conflito entre os três movimentos é maior do que propriamente o processo emancipatório com Portugal, ou seja, a

disputa pelo poder interno passa a se sobressair ao objetivo inicial que era o fim do domínio português sob Angola. Aparentemente os movimentos já colocavam o fim do colonialismo como algo líquido e certo por conta da conjuntura portuguesa pós Revolução dos Cravos, por isso, transferiram suas preocupações para a conquista do poder em relação ao estabelecimento do Estado angolano independente.

Ao mesmo tempo, Melo relata no documento que os principais líderes do MPLA, Agostinho Neto, e da UNITA, Jonas Savimbi, empreendiam viagens a países europeus em busca de novos apoios políticos. Aponta as lideranças dos movimentos demonstravam certa moderação, todavia, durante aquela semana “vários incidentes isolados ocorreram, em outro ponto da cidade, correria e tiroteios rápidos, que revelam o grau de excitação ainda existente e a dificuldade aparentemente insuperável para uma conciliação verdadeira”, ou seja, por mais que a impressão que os líderes tentavam passar externamente fosse de tranquilidade, o caos instalado continuava sem controle.

Nesse cenário de instabilidade registra-se o quanto foi difícil para Representação brasileira acompanhar os desdobramentos da independência angolana. Ovídeo Melo nos aponta no telegrama dos problemas enfrentados pelo governo de transição, a população sofre com falta de abastecimento de alimentos e, especialmente, com os conflitos violentos entre os três movimentos, que tem o uso de armas de fogo. Comum em todos os processos de reivindicações contemporâneas, os movimentos estudantis não fugiram a luta, como nos aponta o telegrama,

4.A todo esse quadro deve-se acrescentar a crise nos meios estudantis, que esta semana agravou-se, gerando inúmeros atritos, passeatas, greves, ocupação e depredações de educandários,

agressões a professores, declarações das autoridades competentes de direções de colégios e de associações de classe estudantil. Professores recusam-se a voltar às aulas sem as necessárias garantias. Porta-vozes da UNITA saíram em defesa do Senhor Jeronimo Wanga, Ministro da Educação, pertencente àquele partido. A “JURA” (Juventude Revolucionária de Angola), organização estudantil ligada à UNITA, colocou-se contra a PRO-AEESL, associação estudantil de esquerda. Registraram-se choques entre grupos de estudantes armados, dos quais resultaram baixas a hospitais. (...) (Telegrama N°29. 11/04/1975)

Na realidade as manifestações estudantis estão relacionadas com a insatisfação mediante aos cenários político, econômico e social angolano, que vem desde antes do processo de independência, no qual o governo salazarista furtou da grande parcela da população o direito de estudar, até década de 1960 havia a lei do indigenato, que colocava os autóctones que não soubesse ler e escrever o português como cidadão de segunda classe, contudo o governo português não oferecia ensino público ficando a população angolana sua própria sorte<sup>3</sup>.

A situação percorrida por Ovídeo Melo expõe um quadro problemático que ia agravando, o governo de transição composto pelos movimentos de pró-independência, parecia estar mais preocupado com seus interesses particulares, em vez da população como um todo. Entretanto, observamos que a expectativa de Melo também se volta para a urgente conclusão do processo de libertação, pois independente do grupo que seria vitorioso, o Brasil poderia consolidar seus projetos no país.

Os conflitos entre os

movimentos da UNITA e FNLA ligadas a Daniel Chipenda não conseguem entrar em acordo. O verdadeiro caos estabelecido na região agravados pelas mesmas consequências que em Luanda. Fuga de brancos, estradas congestionadas. De qualquer forma, os conteúdos dos telegramas nos levam a observar que na análise de Melo o MPLA era o grupo com mais possibilidades de vencer a disputa interna. Inferimos que esse favorecimento era mais pela desorganização dos outros movimentos, do que em relação ao fortalecimento do MPLA, que também vivenciava vários conflitos internos.

O Movimento Popular de Libertação de Angola programa-se para ocupar o poder no país, para tanto procura diversificar suas alianças por meio de dissidentes de outros partidos ou movimentos e até mesmo de pessoas, como podemos observar na contextualização acima. Quanto mais se aproxima a independência, mais se ampliam as articulações, em que procuravam fortalecer alianças. O exemplo, da OUA – Organização da Unidade Africana, na época dirigida pelo polêmico Idi Amin, que se mostrava contrária ao MPLA. Portanto, acabava boicotando o movimento.

Neste contexto aconteceu a Conferência da Organização de Solidariedade dos Povos da África e da Ásia - OSPAA, em Loureço Marques, atual Maputo em Moçambique. Registramos que Moçambique, a essa altura, já havia conseguido sua independência e o Movimento pelo qual obteve sua desvinculação de Portugal era a FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique, que tinha ligação fraterna com a MPLA. Mormente, Ovídeo Melo discorre,

O “Diário de Luanda” dedica duas páginas ao noticiário sobre a terceira conferência da OSPAA –

---

<sup>3</sup> Sobre esse assunto ver a dissertação sobre o MABLA (SANTOS, 2010).

Organização de Solidariedade dos Povos da África e Ásia em Lourenço Marques.

2. A referida conferência, à qual teriam comparecido perto de cem delegados de vários países da África, Ásia e Europa, encerrou-se com apelo a todas as organizações nacionais e internacionais, a todas as forças progressistas, a todas as forças de Libertação e da paz, para que elas desencadeiem, nos seus países, campanhas de solidariedade e apoio à justa luta do povo angolano, sob a direção do MPLA

3. Ao contrário da OUA de Idi Amin, a OSPAA, conclui com Marcelino dos Santos: “a história do MPLA é a história da resistência ativa do povo angolano, sob a direção do MPLA”;

4. Remeto anexos, as informações divulgadas pelo referido vespertino.

5. Prevendo a possibilidade de que a questão de Angola seja levada à ONU, é bastante sintomático que a OUA e a OSPAA comecem, quase ao mesmo tempo, a realizar conferências, com vistas a caracterizar posições e angariar votos futuros. (Telegrama N° 242. Em 08/10/1975)

Mesmo que se buscassem alianças internas para a construção da governabilidade angolana, a disputa das organizações externas, que poderiam apoiar o processo de independência de Angola acabava também reproduzindo as disputas internas, Melo explica que a OUA se posiciona contra o MPLA, por conta da influência de Id Amim. Esse fato nos mostra que se o representante de uma organização internacional (OUA), se posiciona contrário ao movimento que está à frente do processo de libertação de Angola, logo, traz empecilhos para a própria independência. Por outro lado, vemos no trecho acima que a OSPAA, tem posicionamento diferente e apoia o MPLA. Nesta conjuntura, Ovídeo supõe

que a questão de Angola seria levada para ONU, numa perspectiva de evitar que os líderes dos movimentos internacionais usassem as dificuldades vivenciadas dentro do processo de independência de Angola, como mote para projeções políticas futuras.

O contexto exposto acima acontece em período bem próximo da materialização da independência. Restando somente duas semanas para independência, Ovídeo Melo elabora um dossiê intitulado “Afastamento histórico do Brasil em relação a Angola e necessidade de pronto reconhecimento da Independência deste país” no qual detalha suas percepções. O estudo deste documento e dos outros já abordados nos levou a perceber que a posição brasileira de instalar uma representatividade em Angola, mesmo que de maneira precária, decorre do interesse da construção de relações estreitas no que se refere a economia, ao mercado, ao comércio, entre outros, muito bem explícito nos documentos de Ovídeo Melo.

E, além disso, os documentos algumas vezes nos levam a deduzir que a intenção brasileira era também, ocupar o lugar de Portugal, mesmo que isso custasse o vínculo com o movimento ligado a União Soviética, comprovando a tese de que o governo brasileiro só se importava com a possibilidade de participar ativamente da construção do Estado angolano e, por sua vez, da efetivação do capitalismo monopolista naquele território.

### **Considerações Finais**

Com podemos observar, a influência da Revolução Russa se materializa no contexto do processo de libertação de Angola. Essa influência se mostra diretamente no apoio da URSS e de Cuba ao MPLA, movimento que está no poder estatal angolano até os dias atuais. Obstante a isso podemos analisar dois elementos cruciais: primeiro, no contexto do neocolonialismo a única



perspectiva que permitia o vislumbamento de superação da condição de colônia se situava no bojo do marxismo a partir das materializações do Socialismo real até então empreendido; segundo, o fato da Revolução dos Cravos já ter apontado que a libertação das colônias ultramarinas era só uma questão de tempo às lutas internas se dão muito mais por poder interno com o estabelecimento de apoio externo.

Ao analisar a conjuntura interna angolana, somada a uma análise conjuntural internacional que demonstrava a crise do poder hegemônico do próprio EUA, onde a bipolaridade da Guerra Fria já anunciava fragilidades, o governo brasileiro optou por observar de perto os conflitos angolanos e colocar-se em uma posição “neutra”. Consideramos, portanto, que para o Brasil do governo Geisel, muito mais interessava participar do processo como apoiador da liberdade de Angola aberto para qualquer grupo que pudesse vir ao poder, foi muito mais interessante que intervir ideologicamente em nome da coesão ideológica que o Brasil vinha até então defendendo.

Esta análise nos permite reforçar ainda mais o que vem a ser o conceito de ideologia construído pelo materialismo histórico e dialético, pois, a ideologia burguesa existe para manter a ordem do capital. Portanto, um recuo ideológico em nome da manutenção do próprio modo de produção foi o encaminhamento dado pelo governo brasileiro. A percepção de que o Brasil poderia ser visto como uma “potência mediana” que poderia estreitar laços com Angola, foi, portanto, o principal determinante. Ou seja, a decisão diplomática brasileira foi “acertada” no que condizia as perspectivas de assumir o lugar de Portugal no estabelecimento de relações econômicas e comerciais com Angola.

O estreitamento das relações econômicas, comerciais e políticas entre Angola e Brasil se estendem até os dias atuais. Como mencionamos no resumo,

empresas estatais e privadas, a exemplo, da Petrobras, Odebrecht e Camargo Correa atual em solo angolano, inclusive com parcerias com Sonangol. Entretanto, é essencial considerarmos que a constituição do Estado angolano ainda está em curso. Portanto defendemos que essas relações devem se estabelecer na esfera da solidariedade internacional, não apenas em uma perspectiva exploratória, de ressignificação do colonialismo. O reconhecimento do protagonismo da classe trabalhadora angolana que foi historicamente subjugada e submetida a processos de opressão, exploração, violência, negação dos direitos humanos, dentro outras, é essencial ao olharmos a história passada e a realidade presente. Portanto, a constituição de uma Angola livre, só será realidade de fato ao considerar-se o protagonismo coletivo da população.

## Referências

FERNANDES, Ananda Simões. “A reformulação da Doutrina de Segurança Nacional pela Escola Superior de Guerra no Brasil: a geopolítica de Golbery do Couto e Silva”. *Antíteses*, vol. 2, n. 4, jul.-dez. de 2009, pp. 831-856. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>. Acesso em: 10/12/2016

GASPARI, Elio. *A Ditadura Envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HOBSBAWM, E. Era dos Extremos: o breve século XX – 1914 – 1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

M'BOKOLO, Elikia. *África Negra: História e Civilizações*. Do século XIX aos nossos dias. Tombo II. Tradução Manuel Resende. Lisboa: Colibri, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia Alemã*. 2. ed. Tradução de Luiz Cláudio de Castro e Costa; Introdução de Jacob Gorender. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MARX, Karl. Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos. Seleção de textos: José Arthur Giannotti; Tradução: José Carlos Bruni. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987a. (Pensadores).

PINHEIRO, Letícia. “Ao Vencedor, as batatas”: o reconhecimento da independência de Angola. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n.º 39, janeiro – junho de 2007. P 83-120.

SANTANA, Ivo de. *A Experiência Empresarial Brasileira na África (1970 a 1990)*. Salvador: Ponto e Vírgula Publicações, 2004.

SANTOS, José Francisco dos. *Angola: ação diplomática brasileira no processo de independência dos países africanos em conflito com Portugal no cenário da Guerra Fria*. Tese em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2015.

SANTOS, José Francisco dos. *Movimento Afro-brasileiro Pró-Libertação de Angola (MABLA) – “Um*

*Amplio Movimento”*: *Relação Brasil e Angola de 1960 a 1975*. Dissertação de Mestrado em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2010.

SANTOS, José Francisco dos. *Relação Brasil/Angola: A participação de brasileiros no processo de libertação de Angola, o caso do MABLA e outros protagonistas*. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014.